



(2005)
10/11/32

RELATÓRIO HISTÓRICO DOS GRUPOS GUAJÁ CONTACTADOS E SUA SITUAÇÃO ATUAL:

CEBI - P. I. B.
DATA 30.05.98
CO GJD38

Os índios Guajá são índios sabidamente nômades e sem agricultura, que habitam a região compreendida entre os rios Gurupi, Turiaçu, Pindaré e seus afluentes (Buriticupu, Zutiwa, Cerú etc...), cuja situação de sobrevivência vem se agravando aceleradamente com a forma de ocupação das frentes de expansão econômica nacional, em particular com a abertura das BR 316 e 222, especialmente, com a ferrovia de ferro Carajás e o Programa de implantação das siderúrgicas de ferro gusa, movidas a carvão vegetal, ao longo do eixo do Corredor Carajás.

Com os trabalhos desenvolvidos no Programa Awá e a política da Funai no Sistema de Proteção ao Índio Isolado encontram-se, atualmente grupos indígenas de contato permanente, intermitente e sem contato, com alguns assentados com seu habitat definido (A. I. Cerú e Alto Turiaçu), e outros dispersos na região do médio e alto Pindaré e seus afluentes.

Há informações dos mesmos desde meados do século passado, mas, em nosso século há informações de que em 1943, um pequeno grupo Guajá "seiu" às margens do rio Pindaré sendo trazido um convívio temporário na área do Pin Gonçalves Dias (atual Pin Pindaré). Depois este grupo retornou à sua área, na região próxima da atual localização do Pin Awá, pela margem esquerda do rio Pindaré e fugiu definitivamente do contato oficial.

Nessa mesma época há notícias de um grupo de, aproximadamente 10(doz) Guajás, que teriam sido contactados por índios Guajajara no médio rio Zutiwa, tendo todos morrido.

Desde aquela época houveram sempre notícias de conflitos entre Urubu Knapor e Guajajara contra os Guajá mas já começaram a surgir, também, informações por parte de pessoas das frentes de expansão regionais sobretudo nos atuais municípios de Santa Luzia, na década de 50, e Monção, na altura do Zé Doça, em 1962.

Em 1965, com a abertura da rodovia São Luís-Dulcinópolis, um grupo de Guajá com mais ou menos 12 pessoas é bruscamente contactado por uma turma de pedreiros de estrada, nas proximidades do atual povoado de Cocalinho Município de Monção.

Handwritten signature



33

O Chefe do Pin Gonçalves Dias é chamado e leva para o posto cerca de 6-7 pessoas, todas morrendo em alguns meses. Dos outros não se teve mais notícias. Uma década antes, mais ou menos neste mesmo local, havia um grupo Guajá que frequentemente se deixava contactar por pessoas da área, pequenos moradores isolados que viviam em função do ramal da antiga linha telegráfica. Um aventureiro francês, François Beghin, que passava na região, chegou a conhecer este grupo de 12 pessoas, e os descreve em termos não muito diferentes de outras descrições posteriores. Eram pessoas que moravam em pequenos tapiris, vivendo de côco babaçu e, sobretudo, jaboti e macaco guariba.

Dai por diante as informações de contato com Guajá aumentam intensivamente na medida em que a abertura das BR 316 e 222 atraiem o avanço da frente agrícola camponesa, e na sua esteira, a grilagem das terras. Em quase todos os povoados seminais dos municípios de Monção, Bom Jardim e Santa Luzia, há histórias de encontros com grupos de índios Guajá, de suas mortes por contaminação após os primeiros contatos e troca de bens, de sequestro de crianças Guajá, tiradas de seus pais à beira da morte e levados para serem "criadas", de acordo com costumes regionais, que vê a existência indígena como uma espécie de vida semi-animal, de muitas dificuldades, poucos benefícios e liberdade em excesso. (Fonte 01).

Até aquela data não existia um trabalho organizado de acúmulo de dados e informações a respeito do Grupo Guajá; em 1968 com a chegada na região do italiano Fiorello Parise e sua irmã, antropóloga, Valéria Parise, que na época levantava dados sobre os índios Tembó para desenvolvimento de uma tese, começou a haver registros de dados e casos históricos de contato e resgate de grupos Guajá, conforme abaixo segue:

1969 - Neste ano, em 24 de Novembro, o Sr. Fiorello Parise, que na época objetivava realizar estudos sobre o grupo Guajá, contactou 03 Guajá, que compunham uma família, nas proximidades de um povoado por nome Repadura na cabeceira do igarapé do Alvorado, a 25 km do povoado Novo Carú, em direção a Bom Jardim. Foram remanejados para o aldeamento de Mejeranduba (índios Guajajara), onde sobrevive um, que estando pelo nome de "Raimundinho".

Devido ter-se casado com uma índia Guajajara do Pin Pindaró.



Eventualmente desloca-se àquela área, para a aldeia
Januária. (Fonte 03).

GUAJÁ DA A. I. ALTO TURIAÇU - Pin Guajá

Em março de 1973, baseado em informações de regionais, a FUNAI • organizou uma expedição com a presença dos Servidores Valéria Pariso, antropóloga, José Carlos Meireles, chefe Pin Alto Turiaçu, Jairo Patusco, chefe • Pin Pin Pindaré, Florindo Diniz, mateiro e outros trabalhadores que contactaram um grupo de 12 Guajá perto de um cocal de babaçu que, pela raridade na • região, ficou conhecido como Cocal Grande.

Após o contato, iniciou-se um plano para a criação de uma frente de atração, a qual passou a funcionar a partir de agosto de 1973.

Nos 03 (três) anos seguintes houveram 2 ou 3 grupos que frequentavam com assiduidade o posto, totalizando cerca de 52 índios.

No verão de 1976 foram contados, pelo servidor Florindo Diniz, 91 índios, no total que frequentavam a frente de atração, tendo depois sumido, • pressumindo-se que tenham morrido, ou se mudado para outra região. A primeira hipótese é parcialmente confirmada pelos atuais Guajá.

Em Julho/78, a frente Guajá foi assumida pelo sertanista Sidney • Possuelo. Em que no seu primeiro recenseamento em agosto do mesmo ano, contou 50 Guajá, sendo 30 homens e 20 mulheres. Por razões inexplicadas começa • a haver um decréscimo acelerado na população destes índios.

Em fins de novembro chega a primeira equipe médica para vacinar todos os índios do posto, na época 34, já que um grupo de 04 permanecia mais isolado. Devido as reações das vacinas os índios se assustaram e fugiram para o mato onde vieram a falecer 6 mulheres e 2 homens.

Em fevereiro de 1981 a população no Pin Guajá chegou ao seu nível mínimo, 23 índios dos quais, 21 homens e 02 mulheres, sendo que 03 rapazes guajá haviam vindo de outras regiões.

Em suma, de 91 índios Guajá conhecidos em 76, restava 25, em 05 anos depois (fonte 01).

M. 34



Passando pela fase de contato (frente de atração), consolidação e ndamento, os Guajá desta região sofreram alterações em seu estilo de vida. Deixaram o intenso nômadismo e vivem hoje em estágio semi-nômade. Aldeados na margem esquerda do Alto Turiaçu, a 500 mts da sede do Pin, recebem o apoio da Funai em todos os aspectos e já praticam agricultura de subsistência como complemento para a sua base alimentar.

Para verificar a população atual no Pin Guajá, vide mapa demográfico em anexo. A População Guajá daquele Pin é dividida em dois grupos, sendo um da família de Tamaikamã e outro a família de Tapanihu.

Y'A

A redução da população indígena Guajá da A.I. Alto Turiaçu, não foi somente pelas frentes de contato. No início da década de 70, ainda eram evidentes os conflitos inter tribais (Urubu Kaapor x Guajá) naquela área.

Um pequeno grupo de índios Guajá, foi caçado a bala por índios Urubu Kaapor nesta área indígena. Do ataque, o que nos parece, restou a índia Y'A (nome Urubu Kaapor), criança guajá sequestrada na época pelo índio Expedito Kaapor, um dos participantes do massacre. Após o sequestro a criança Guajá ficou como futura esposa de Expedito. Y'a atualmente é casada com o mesmo no papel de segunda esposa, já com um filho de aproximadamente 02 anos de idade, vivendo atualmente na comunidade Urubu Kaapor, mas sendo reconhecida como Guajá.

Goi

Em agosto de 1973, no igarapé da Fome, próximo ao povoado de São João do Carú, foram resgatadas duas crianças, com idade de 07 e 15 anos de idade, remanescente de um grupo de 14, segundo informações regionais. Os mesmos foram resgatados pela antropóloga Valéria Parise e removidos para São Luís. O mais velho morreu de tuberculose três anos mais tarde no posto de atração Guajá, A. I. Alto Turiaçu. O outro sobrevive, chama-se Goi Guajá, fala português, casou-se com uma "cristã", é funcionário da Funai e trabalha como intérprete junto ao Sistema de Proteção Awá/Gujá.

Obs: O igarapé da Fome é afluente do Turizinho conhecido hoje como Manguari, dentro da área AWA.

1247
1/10/1
36SÔNIA

Em meados da década de 70, o grupo de Sônia, é encontrado à beira do rio Pindaré, região do alto Pindaré, na fazenda São José, Município de Amarante-MA, acometido de gripe e pneumonia. Sobreviveram Sônia e sua genitora, que foram resgatadas pelo Servidor José Pedro dos Santos, na época chefe do Pin Governador. Ambas foram levadas ao Pin Governador (Índios Gavião), onde receberam os primeiros socorros sendo em seguidas removidas São Luís, onde a mãe de Sônia veio a falecer.

Pelo local onde foi encontrado este grupo, é possível que tenham sido expulsos de suas terras de origem, região da área indígena Araribóia Sônia Guajá, atualmente, reside na aldeia Governador, Pin do mesmo nome e é casada com um índio Gavião.

TIRAMUCUM (JOSÉ BENVIADO) E KARAPIRÚ

Em 1978, no centro sul maranhense no município de Porto Franco, um grupo de aproximadamente 14 índios, acossados por moradores do alto rio Pindaré, saíram de seu território tradicional (A.I. Araribóia), atravessaram o município de Amarante, uma parte do cerrado e passaram a viver nas pontas da floresta daquela região, alimentando-se ocasionalmente de burros e porcos das fazendas vizinhas. Este grupo foi cercado por peões de uma fazenda, fugindo vários e Tiramucum sendo pego por está cansado e não conseguir fugir com os demais. A Funai foi acionada, sendo enviada uma equipe da 6ª ADN, para resgatá-lo, levando-o para a Casa do Índio em São Luís. Na época Tiramucum tinha a idade de 09 anos.

Atualmente o mesmo é casado com uma índia Urubu Keapor, vive no Pin Guajá e eventualmente trabalha como intérprete no SPAG. Vale ressaltar que Tiramucum é filho do Karapirú, os quais andavam juntos em 1978, quando foram brutalmente separados.

Karapirú seguiu com seu grupo, fugindo do cerco, insistindo no seu estilo nômade, provavelmente a procura de novas terras para habitar, atravessando os sertões dos municípios de Porto Franco, Sítio Novo, Grajaú, Fortaleza dos Nogueiras, Balsas, Niechão, Carolina e Alto Parnaíba.



(250)
11/11/32

Continuando sua trajetória, Kerpirú aparece nos sertões da Bahia município de Barrairas, em Novembro de 1988, onde foi resgatado pelo Sertanista Sidney Possuelo, sendo trazido, então para o convívio com seu filho Tiramucum, no Pin Guajá, 10 anos depois de sua separação.

JURITÍ - TXIAMIN - KAMANA'Í

Em 1979, encerrando-se os trabalhos da frente de atração Guajá, na A. I. Alto Turiaçu, e com a criação do Pin Guajá, já imobilizado, para dar assistência aos índios já contactados naquela área, a equipe da Frente de atração, chefiada pelo Sertanista Sidney Possuelo, transferiu-se para área indígena Carú, onde havia notícias de índios Guajá isolados. Os primeiros contatos mantidos pelo pessoal da frente foi com o grupo conhecido por "Jurití", que mantinha eventuais relações pacíficas com regionais.

Através deste grupo foi estabelecido relações com o grupo da Txiamin (6 homens + 5 mulheres), que por sua vez, trouxe para contato com a frente o grupo de Kamana'Í (3 homens + 2 mulheres).

Atualmente estes três grupos mantêm contato intermitente com pessoal da Funai do Pin Awá.

Para saber a população atual vide mapa demográfico em anexo.

GRUPO DE TXIPATXIÁ

Em Março de 1980, surgem notícias de que um grupo de índios Guajá apareceu perante lavradores, no município de Santa Luzia, na altura das cabeceiras do igarapé Timbira, a 15 km do povoado Centro do Paula. A Funai organizou uma equipe composta por Antônio Louí, Chefe Pin Guajá, Naimundo Mourão, chefe Pin Carú, Rinaldo Dames, médico e o antropólogo Mécio Pereira Gomes. Esta equipe leva a efeito o contato permanente com esse grupo, que se compõe de 28 pessoas, sendo 17 do sexo masculino e 11 do sexo feminino.

Devido a grande degradação do seu território, a Funai resolve transferi-los para a reserva Carú, distante 60 km do local de contato.

Uma equipe formada pelos Srs. Domingos Ferreira, o médico Rinaldo Dames, o Sr. João Chaves da Silva, o antropólogo Mécio Pereira Gomes e o missionário do C.I.M.I. Pe. Carlos Ubbiali, além de dois índios Guajá, Takdajia e Txipapanahu, levaram os índios do igarapé Timbira até o Taboão. Esta viagem foi deveras acidentada, vindo a morrer neste deslocamento 8 índios.



Do sojo, dos 28 índios, apenas 20 chegaram ao seu destino.

Atualmente são conhecidos como o "grupo de Txipaxiá", vivem próximo a margem do Igarapé Presídio, recebem assistência do Pinc Awá, em contato permanente com o pessoal da Funai, embora vivendo em semi-nômadezmo, praticam agricultura de subsistência com auxílio do Pessoal do posto.

O referido grupo em contato com outros grupos Guajás, nativo da região da A.I. Carú, estabeleceu laços de matrimônio com estes e sua população soma um total de 25 índios, sendo 17 homens e 18 mulheres. (mapa demográfico em anexo).

MI-NUA (IPATXIÁ)

Em 1985, um grupo de 04 índios Guajá, recebendo o nome de MI-NUA (identificação dada aos mesmos pelos índios Guajá do Pinc Awá), apareceram na região do Ferrugem, km 400 da ferrovia Carajás as margens do rio Pindaré, onde segundo informações antigas, era seu tradicional habitat.

Em Dezembro de 1985 foi feito o primeiro contato deste grupo de 04 índios. A equipe da Funai, que foi formada pelos servidores Raimundo Mourão de Souza Chefe Pinc Awá, Antônio Lou de Araújo, chefe do Pinc Guajá, João Chaves da Silva, aux. de frente de atração e os intérpretes Gal Guajá e Camairu, sendo então a primeira notícia oficial deste grupo.

No final de 1987 o sertanista e assessor de índios isolados da 4ª SUER, Fiorello Pariss os resgatou, já em número de 03 índios, trazendo-os para A.I. Carú, Pinc Awá. Segundo relato dos intérpretes, a índia mais velha do grupo faleceu, tendo como causa mortis, diarreia e desidratação.

A atitude do Chefe ATII/4ª SUER, foi a mais razoável diante da impossibilidade da permanência daquela grupo em seu habitat tradicional.

Atualmente vivem no Pinc Awá, dados demográficos em anexo.

MIRI - MIRI

Em final de 1984 foi localizado através de informações de regionais, pelo servidor Edmilson Veras, um grupo de 14 índios Guajá, que habitavam nas margens do igarapé Sundeira, afluente da margem direita do igarapé Água Branca, pertencente fora da A.I. Carú.



Foi montada uma equipe formada pelos Srs. João Chaves da Silva, Aux. frente de atração, Edimilson da Oliveira, Aux. de frente de atração, Edimilson Veras, Aux. serv. gerais e outros..., que decidiram devido o assédio de fazendeiros e o risco para os índios, transferi-los para o interior da A.I. Carú, o que foi feito em Janeiro de 1985.

Em Março do mesmo ano, o Sr. Antônio Sales de Oliveira, Aux. serv. gerais e um regional, Sr. Heronildo Bezerra da Silva visitaram o local em que haviam deixado os índios, mas, estes já o haviam abandonado através vestígios verificaram que havia morrido um índio.

Após estas visitas foi perdido o contato com o grupo por falta de continuidade devido as constantes mudanças administrativas e políticas na condução dos trabalhos junto aos Awá/Gujá.

Em Outubro de 1987, tomaram a ser contactados por uma equipe da Funai, formada pelos Servidores Luís Moreira Silva, Aux. frente de atração, Edimilson Veras Aux. serv. gerais e outros. Só que agora em números de 08 índios. A notícia que se tem é que os restantes teriam morrido, vítima da gripe e suas sequelas. Atualmente vivem, os 08, a cerca de 06 km de distância do acampamento roça grande, as proximidades do igarapé Traira, afluente esquerdo do rio Pindaré.

E são eventualmente, visitadas pela equipe de contato da Funai, chefiada pelo Sr. Luís Moreira.

JACUINXIA

Em Agosto de 1987, um grupo de índios Guajá, até então sem contato com o pessoal da Funai, visitou a aldeia do bosque, Pin Awá, A.I. Carú, fazendo contato com os grupos que ali se encontravam. Os mesmos em número de 03, permaneceram poucas horas no local, receberam alguns brindes, e retornaram à mata. Meses depois, através de informantes Guajá foram identificados como "Grupo de Jacuinxia".

Em Setembro de 1989, as famílias de Kamairu, grupo Txiputiá e o grupo de Txiamin, de contato intermitente, se deslocaram da aldeia do bosque, próximo ao Pin Awá, em direção ao cabeceira do igarapé Praxídio, numa de suas caminhadas tradicionais.



Nos dias 30.10 e 01.11.68 retornaram a sede do Pin Awá trazendo juntamente com os três Guajá que já haviam visitado a aldeia do bosque em 1967, um total de 17 índios, os quais ainda não tinham mantido contato pessoal. Todos bastante saudáveis, podia-se observar também que o referido grupo não tinha qualquer contato, sequer esporádico, com regionais. Os adornos, utensílios e corte de cabelo totalmente tradicionais do grupo Guajá.

Dia 08.11, parte do grupo num total de 07 índios, retornou ao seu "lugar" de origem. Os outros 10 índios, permaneceram na aldeia em companhia do grupo de Txiamin e Txipatxiá, os índios que permaneceram (10), receberam vacinas e foram atendidos pela Equipe médica da ADR de São Luís. (dados demográficos em mapa anexo).

GRUPOS GUJÁ SEM CONTATOS

Mesmo com a implantação das Frontes de Atração (1973) até as atuais Equipes Móveis de Contato para os índios Guajá, já se passaram quase duas décadas mas, mesmo assim, é importante frisar, ainda permanecem vários grupos Guajá sem contato, nas regiões do alto e médio Pindaré, mais precisamente nas proximidades de seus afluentes Ouriticupu, Zutima, Carú e outros.

Temos informações destes através de históricos, regionais e mesmo de trabalhos de nossas equipes móveis de vigilância, Localização e Contato, nos quais foram encontrados vestígios dos mesmos. Estes grupos vivem dentro e fora das A. I. Carú, Awá e Areribóia.

Por ora eramos o que tínhamos a informar.

Santa Inês (MA), 24 de Fevereiro de 1.980.

Flórello Purias
Assessor II - 4.ª SUER